

Doenças de uma população desnutrida

"A enorme quantidade de pessoas que procura os hospitais de Brasília não tem qualquer tipo de atendimento preventivo nos seus locais de habitação, onde vive geralmente nas piores condições de higiene e saúde". Esta é a opinião generalizada dos médicos residentes do Hospital-Escola de Sobradinho, para quem o estado de saúde do brasileiro, como de todos os brasileiros, só poderá ser modificado com a adoção de uma política de saúde preventiva, que ataque as causas e não apenas os sintomas das doenças.

"Trabalhamos em condições precárias, atendendo a uma população desnutrida", observou um dos médicos da rede hospitalar do Distrito Federal dizendo que "basta olhar os dados estatísticos oficiais — que demonstram que mais de 30% da população brasileira ganha menos de 1,5 salário mínimo — e teremos um quadro do estado de miséria e saúde que vive essa população".

O brasileiro que lota as filas dos hospitais, na opinião dos médicos, recebe uma medicação que alivia temporariamente o seu problema e volta para casa, para o meio que causou sua doença, sendo que logo depois está de volta ao hospital com a mesma doença, para receber o mesmo atendimento, num círculo vicioso que nunca vai resolver o seu caso.

TUDO SOB CONTROLE

Para o secretário de saúde do Distrito Federal, Newton Muylaert, as coisas estão melhorando. Ele acredita que com a inauguração do "Instituto de Saúde Pública" muitos desses problemas serão resolvidos. O instituto é um órgão de apoio e pesquisa, com ação preventiva capaz de detectar qualquer anormalidade no início. Lá eles farão análise dos produtos vendidos em supermercados e outros lugares, e tentarão controlar as epidemias.

"Acho que está tudo sob controle e não há nada no momento que alarme a situação de saúde do brasileiro," acrescentou o secretário. Mas sobre o estado real de saúde do brasileiro, Newton nada quis dizer alegando que a parte executiva do seu trabalho é com a Fundação Hospitalar, "que faz a medicina preventiva e curativa e está mais próxima dessa população".

Em relação às críticas que muitos fazem de que uma política de prevenção deve basear-se principalmente em medidas relativamente simples de saneamento básico, o secretário de Saúde respondeu que a questão de saneamento é com a Secretaria de Serviços Públicos.

Mas a Secretaria de Saúde prevê para este ano a instalação de postos de vacinação nas cidades-satélites, principalmente na Ceilândia, onde um contrato com a SHIS está sendo providenciado. Postos de vacinação anti-rábica deverão ser também instalados nessas cidades, onde o baixo poder aquisitivo da população não permite a locomoção de cães para o Plano Piloto. Essas medidas visam esvaziar a rede hospitalar central, que superlota com a deslocação desse pessoal das cidades-satélites.

ESTRUTURA HOSPITALAR

Brasília conta apenas com 10 hospitais, entre públicos e privados, que oferecem um total de 3.554 leitos. Com maior capacidade de atendimento estão o Hospital de Base, com 762 leitos e o Hospital Santa Lúcia, com 673.

A Fundação Hospitalar do Distrito Federal — de acordo com os últimos dados, que são de 1976 — dispõem de 1.057 médicos. Para o núcleo de Planejamento da Fundação, a alteração que pode se verificar é insignificante. Outros hospitais públicos, como o HFA, somam em seu quadro de trabalho 435 médicos. As casas de saúde e hospitais particulares contam com cerca de 370 médicos.

Segundo dados da Fundação Hospitalar, foram atendidas no mês de fevereiro deste ano, 161.317 pessoas na rede hospitalar do Distrito Federal. E o total de consultas ambulatoriais e de emergências, no ano passado, chegou a mais de 2 milhões, número que vem crescendo anualmente.

NATALIDADE

Somente no ano passado, 36.371 crianças nasceram nos hospitais de Brasília, sendo que os que registraram maior índice de nascimento foram os hospitais Regional da Asa Sul (L-2) — 6.084 crianças; Regional de Taguatinga — 6.653; e Regional do Gama, 3.959.

O Núcleo de Planejamento da Secretaria de Saúde, através de pesquisa, apresenta para os nascimentos fora de hospitais o número de 3.700 ou seja, 10% do total da rede hospitalar. Os óbitos fetais registrados em hospitais foram de 843, no ano passado.

MORTALIDADE

As maiores causas de mortalidade infantil em Brasília são problemas de parto, doenças diarreicas e pneumonia. Em consequência de partos, morreram 486 crianças. De doenças diarreicas (onde o principal fator é a deficiência da rede de água e esgoto) foram registrados 458 óbitos infantis. E de pneumonia 325. Ainda no ano passado, houve 1.980 casos de morte de crianças com menos de 1 ano. E de 1 a 4 anos, 264 casos.

Considerando os óbitos de um ponto de vista geral (crianças, adolescentes e adultos), as principais causas de mortalidade são: pneumonia — 563 casos; doenças diarreicas — 495; parto — 486; tumores malignos — 470; doenças cerebrovasculares — 37; tripanossomíase — 269; acidentes de veículos a motor — 263; outros acidentes — 222. Esses dados são do Núcleo de Planejamento da Secretaria de Saúde do Distrito Federal.